

1.

INTRODUÇÃO

“Rubem Alves, de novo?” Diriam os teólogos protestantes. Não somente eles, mas todos os que adentram nesse campo de pesquisa. No entanto, atraído pelos pensamentos desse teólogo, ainda vivo, fui descortinando e naturalmente aplacando as minhas preocupações, pois percebi que esse autor é muito mais complexo e suas reflexões mais atuais do que imaginava. O vanguardismo de seu pensamento não se cessou na década de 70, mas ainda nos incomoda e tem muito a nos dizer sobre questões tais como corpo, vida, libertação e imaginação para o fazer teológico.

Desta forma, em cada página me vi entretido pelas belas páginas produzidas por esse autor que compreendeu a vida, o ser humano e Deus de uma maneira peculiar. É óbvio, que esse convívio com suas obras ultrapassam os anos de minha pesquisa na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Desde a minha adolescência o leio – minha irmã o apresentou-me. Entretanto, o conhecia como o cronista do cotidiano. Ainda não imaginava que esse primeiro contato revelava-me um autor que seria preponderante para a minha formação teológica e pastoral.

Anos depois, em minha formação teológica, reencontrei com a genialidade de seu pensamento. Li a obra “Enigma da Religião” e fui surpreendido pela sua seriedade acadêmica e por sua sensibilidade poética. Sua maneira de fazer teologia se diferenciava da frieza de muitos manuais que esboçavam riquezas enciclopedistas, mas que, acredito eu, distanciavam-se da maior preocupação alvesiana, a saber, o ser humano.

Rubem Alves está entre os pensadores mais importantes da América Latina, dos que forjaram uma nova maneira de fazer teologia. O teólogo de Boa Esperança presenteou os latino-americanos com belas páginas do protestantismo engajado na tarefa da libertação humana. Ele mesmo (em Julho de 1987), após dezoito anos da composição de sua tese doutoral no Seminário Teológico de Princeton, escreveu: “*Não sabia que aquele era um primeiro afluyente, quase sem água e sem nome, de um grande rio: a teologia da libertação*¹”.

¹ ALVES, R. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987. p. 41

Na contramão do protestantismo brasileiro, caracterizado pela velha frase calvinista “*o mundo é o cenário da glória de Deus*”, entoada, univocamente, pelas vozes dos líderes presbiterianos no Brasil, Alves proclama o ser humano como centro da reflexão teológica e como agente na construção de um mundo mais humanizado. Sua teologia que absorveu profundamente a consciência crítica e histórica da modernidade ocidental, fez nascer, em solos brasileiros, uma reflexão honesta sobre as causas das estruturas de dominação e opressão impostas aos países do assim chamado terceiro mundo.

Na mesma direção que os teólogos clássicos da libertação, Alves viu o evangelho como o anúncio da realidade histórica da política de Deus em marcha, que se expressa não enquanto experiência mística ou filosófica, mas sim como um poder que invade a história. O aluno de Shaul empenhou-se em uma crítica virulenta às estruturas que mantinham os olhares humanos para além da história. Impulsionado pelas revoluções sociais dos séculos XVIII, XIX e XX, em seu esforço dialógico com as ciências sociais e em sua leitura dialética da Bíblia, entregou ao protestantismo míope os óculos necessários para enxergar Deus e o humano nesse processo libertador. Leonardo Boff na introdução de seu livro “Jesus Cristo Libertador” disse:

O teólogo não vive nas nuvens; é um ator social, situa-se dentro de um determinado lugar na sociedade, produz conhecimentos e significações utilizando instrumentos que a situação lhe oferece e lhe permite, tem destinatários definidos, encontra-se, pois, inserido, dentro do conjunto social global².

Rubem Alves está, sem dúvida, entre os primórdios da Teologia da Libertação nascida na América Latina, por sua ousada inserção na história. Defensor ferrenho de uma percepção da história longe dos ditames essencialistas e fixistas, Alves vê no chão da história, novas formas, qualitativamente distintas, de ser do humano em vista de uma realização cada vez mais plena e total de si mesmo e solidariamente com os “outros relevantes”.

Nesta pesquisa optei por dividir o assunto em dois grandes capítulos, não por uma opção metodológica prévia, mas como consequência da organização dos temas e do conteúdo exposto. Esta pesquisa se dará a partir de uma análise

² BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 16

bibliográfica das obras alvesianas, especialmente de duas obras que considero os primeiros movimentos do teólogo sobre o tema da libertação humana.

No primeiro capítulo, apresentar-se-á o seu itinerário biográfico e teológico do referido autor. Fazendo assim, conseguiremos compreender melhor o ser humano por trás do teólogo. A sua história, como perceberemos, sempre esteve numa relação dialética com suas reflexões, pois aquela continuamente influenciará estas como também será influenciada.

É digno de nota, no entanto, que não é uma simples narrativa biográfica de fatos, mas sim uma reflexão a respeito da sua caminhada e de sua participação em movimentos teológicos tais como o ISAL (Igreja e Sociedade da América Latina – Comissão Latino Americana).

Nesse primeiro capítulo, não se perdeu de vista os antecedentes histórico-teológicos que serviram de arcabouço para as reflexões libertadoras da América Latina e do nosso autor. Como veremos, a Teologia da Libertação será estudada enquanto resposta às conseqüências antropológicas e desumanas da sociedade moderna. Portanto, se a teologia do norte-atlântico foi cultivada enquanto resposta ao *não-crente*, a teologia da Libertação, diferentemente, será pensada enquanto resposta ao *não-homem*.

Ainda nesta parte do trabalho, mencionam-se as principais obras de Alves conectadas com suas fases biográficas. Levando em consideração as preocupações que o incomodavam, suas obras podem ser divididas em três grandes momentos os quais serão mencionados, mas não estudados nessa presente pesquisa. Entretanto, privilegiarei a primeira fase de sua formação intelectual na qual o autor se revela como um pioneiro da Teologia da Libertação.

Dentro do mesmo capítulo, trabalhar-se-á as fontes do pensamento heterodoxo-criador do teólogo mineiro. Constataremos que Alves dialogou com diversos autores que representavam variados campos disciplinares. Por isso, seus textos revelam um autor de uma eloqüente erudição que torna o seu trabalho um campo frutífero de pesquisa.

No segundo capítulo, analisar-se-á o pensamento de Rubem Alves em dois momentos, a saber, o dialético-político, representado pela obra “A Theology of Human Hope”, e o estético-imaginativo, representado pela obra “Tomorrow’s

Child”. Esses dois momentos se integram perfeitamente na proposta de libertação humana que Alves oferece aos seus leitores.

Na fase dialético-política, observaremos uma reflexão crítica, a partir dos pressupostos sociológicos (humanismo político), à linguagem do tecnologismo e da teologia cultivada no norte-atlântico. Alves anuncia, a partir de seu profundo diálogo com a linguagem do humanismo político, o humanismo messiânico como a linguagem que liberta o ser humano na construção de uma *ordo amoris*. O ser humano é pensado enquanto *homo creator*. Ou seja, o ser humano é um co-criador que busca com Deus a humanização do mundo.

Na fase representada pela segunda obra, Alves continua com a postura crítica em relação às ideologias da modernidade. No entanto, ele avança para aquilo que seria anos depois seu instrumento heurístico para refletir sobre diversos assuntos, a saber, o lúdico, o imaginativo, a experiência estética, o mágico e etc. Nesse sentido, encontramos um Alves que ainda fala como teólogo, e teólogo comprometido com a libertação social, a partir de categorias e conceitos não aceitos pela linguagem comum da teologia da libertação.

Enfim, perceberemos que a libertação humana proposta por Rubem Alves transcende o universo lingüístico comum dos teólogos clássicos da libertação, e insere-se no pensamento teológico latino-americano com tons vanguardistas que lhe são peculiares. O ser humano, na proposta alvesiana, não é simplesmente uma peça de engrenagem que perde o prazer na luta pela libertação, mas antes experimenta os “aperitivos” prazerosos no presente sem perder a dimensão do “*ainda não*”.